

A narrativa (auto)biográfica na pesquisa de formação de professores: conceitos essenciais e possibilidades metodológicas

The (auto)biographical narrative in teacher education research: essential concepts and methodological possibilities

Lara Rodrigues Pereira
Carolina Ribeiro Cardoso da Silva
Márcia de Souza Hobold
Universidade Federal de Santa Catarina UFSC
Florianópolis –Brasil

Resumo

Esse artigo apresenta parte do percurso realizado pelo Grupo de Estudos e Pesquisas: Formação de Professores e Práticas de Ensino (FOPPE/UFSC) para a apropriação de conceitos e procedimentos metodológicos concernentes à narrativa (auto)biográfica na pesquisa-formação com professores em início de carreira. Os autores que embasaram os estudos foram, sobretudo, Delory-Momberger (2006), Bragança (2011) e Josso (1999, 2007). Foram realizadas discussões em seminários de estudo para construir uma proposta de pesquisa-formação com professores em início de carreira, da Educação Básica, como estratégia de indução profissional. Assim, apresentamos uma síntese teórica dividida em dois eixos: o domínio de conceitos e a construção de possibilidades metodológicas. Os conceitos de narrativa, experiência, biografia e identidade foram estudados para compreensão das contradições e potências existentes na investigação narrativa autobiográfica para formação de professores.

Palavras-chave: Formação de professores; Narrativa; Pesquisa-formação

Abstract

This article follows part of the journey taken by the Teacher Training and Teaching Practices Study and Research Group (FOPPE / UFSC) in adopting methodological concepts and procedures concerning the (auto)biographical narrative in research-training with teachers at the beginning of their career. This study draws heavily on works by Delory-Momberger (2006), Bragança (2011), and Josso (1999, 2007). Discussions were held in study seminars to build a proposal for research-training with Basic Education teachers in the early stages of their careers as a professional induction strategy. Thus, we propose a theoretical synthesis divided into two axes: the domain of concepts and the building of methodological possibilities. The purpose of studying the concepts of narrative, experience, biography, and identity was to achieve an understanding of the inconsistencies and possibilities that exist in autobiographical narrative research for teacher training.

Keywords: Teacher training; Narrative; Research-training

Introdução

O presente artigo reúne reflexões acerca das potencialidades teórico-metodológicas das narrativas (auto)biográficas na condução de uma pesquisa-formação direcionada a professoras e professores iniciantes. A referida pesquisa, multicêntrica, apoiada por edital Universal de agência de Fomento Nacionalⁱ, envolve grupos de pesquisa de três Universidades Públicasⁱⁱ, situadas em diferentes regiões brasileiras. Nosso objetivo principal é investigar, por meio de uma pesquisa-formação, as possibilidades e os desafios da indução entre pares para o agir e reagir de professores em relação às dificuldades que afetam a docência, em seus primeiros anos de exercício profissionalⁱⁱⁱ. Para tanto, consideramos iniciantes docentes que estejam entre o primeiro e o quinto ano de exercício profissional no magistério, podendo ser efetivos ou substitutos.

Traçamos, inicialmente, como campo investigativo, Grupos de Indução (CRUZ; FARIAS; HOBOLD, 2020) compostos por pesquisadores e professores iniciantes com o intuito de produzir, compartilhar e analisar narrativas de docentes em situação de inserção profissional, por meio da pesquisa-formação. O trabalho que seria desenvolvido, presencialmente, em 2020, precisou ser revisto em decorrência da Pandemia da Covid 19. O ano de 2020 apresentou inúmeras dificuldades referentes ao desenvolvimento de pesquisas presenciais com docentes, uma vez que as escolas foram fechadas e precisamos, na toada da contingência, reelaborar planejamentos e práticas, com o intuito de buscar adequação às novas normas sanitárias. Em face disso nossa pesquisa-formação está sendo desenvolvida em 2021, exclusivamente a distância, e tem como participantes professoras/es em início de carreira que atuam na Educação Básica, de três redes de ensino do estado de Santa Catarina. Os grupos são compostos por, no máximo doze pessoas, entre pesquisadores e professores, e os encontros estão ocorrendo no momento em que escrevemos esse artigo.

A busca pela constituição dos grupos, para a realização da pesquisa-formação, deu-se por meio de carta-convite enviada às Secretarias Municipais de Educação dos municípios de Antônio Carlos, Florianópolis e Gaspar. Essa escolha dos municípios se deveu, de um lado, em razão dos lugares onde residem e atuam pesquisadores do grupo e, de outro, ao reconhecimento que os referidos municípios, historicamente, atribuem às formações continuadas propostas pela Universidade Federal de Santa Catarina. A conversa com a

direção de cada uma das Secretarias de Educação precisou ser retomada, mediante a reconfiguração da proposta, resultante da continuidade da Pandemia da Covid 19. Houve pronta aceitação pela condução da pesquisa-formação de forma remota; os encontros virtuais ocorrem no período noturno, em virtude da disponibilidade dos professores iniciantes envolvidos.

Nosso percurso, em prol da constituição de arcabouço teórico, a respeito das pesquisas (auto) biográficas, para a pesquisa-formação com docentes, está descrito nesse artigo. Ressaltamos que as discussões para a apropriação de conceitos, autores e metodologias se deu no âmbito do Grupo de Pesquisa e Estudos Formação de Professores e Práticas de Ensino – FOPPE (<https://foppe.ufsc.br/>), cadastrado no Diretório de Pesquisa do CNPq, ao qual estamos filiadas, por meio de seminários de estudos que ocorreram ao longo do segundo semestre de 2019 e início de 2020. Nossas trocas coletivas realizadas nas dependências da UFSC, reforçam a importância desses espaços/tempos formativos para a produção da pesquisa científica por sujeitos em estágios distintos de formação, uma vez que, temos graduandos, mestrandos, doutorandos, pós-doutorandos, e docentes da Educação Básica e Ensino Superior inscritos em nosso coletivo de pesquisadores. Visões distintas e, ao mesmo tempo complementares, estão impregnadas em nosso texto que lança luz sobre dois aspectos fundamentais: a compreensão de conceitos essenciais e as possibilidades metodológicas da narrativa (auto)biográfica na pesquisa-formação com professores iniciantes.

Conceitos essenciais: narrativa, experiência, biografia, identidade

Narrar é organizar linearmente o conteúdo da memória de maneira que possa ser apreendida por quem a ouça ou leia. Com base na apreensão e compartilhamento das práticas docentes, a pesquisa narrativa vem sendo mobilizada como possibilidade teórico-metodológica de construção de processos de formação de professores. A principal razão para a escolha dessa metodologia é o fato de residir em sua configuração a experiência, contida na potência dos depoimentos produzidos pela narrativa dos participantes sobre suas histórias de vida. O aprendizado advindo das experiências biográficas narradas de forma oral ou escrita gera, ainda, um senso de pertencimento que foi trabalhado, neste artigo, de acordo com o conceito de identidade.

A narrativa (auto)biográfica na pesquisa de formação de professores: conceitos essenciais e possibilidades metodológicas

Para a compreensão do conceito de **narrativa** precisa-se considerar que a **experiência** antecede o ato de narrar. Narrativa e experiência articulam-se na dialética do tempo. Somos seres narrativos porque acumulamos experiências e para compartilhá-las acessamos o vivido por meio da memória. Josso (1999, p.17) definiu a experiência como o “conceito nuclear dos projetos de conhecimento da formação ao longo da vida”. Isso decorre da identificação da experiência como a síntese do vivido narrado, aquilo que aprendemos com o que foi vivido é, para a autora, a experiência. Ocorre que a experiência é trazida à tona por meio das constantes negociações tensionadas que modulam a memória, dando origem a edições, adequações, e mesmo, formatações daquilo que vivemos, expressado por aquilo que narramos. Em decorrência disso não verbalizamos as coisas tal qual ocorreram, mas sim como conseguimos (ou queremos) relatar.

Paul Ricoeur (2019) alerta que a narrativa se consolida na medida em que expressa a experiência temporal ancorada em uma dimensão afetiva. A experiência humana, para o autor, possui um caráter temporal que se torna compreensível por meio do ato de narrar. A narrativa, portanto, define recortes não lineares de tempo humano advindos do tempo histórico. Em virtude disso observa-se que “a narrativa de vida é uma matéria instável, transitória, viva, que se recompõe sem cessar no presente do momento em que ela se anuncia” (DELORY-MOMBERGER, 2006, p. 361).

A narrativa se desenrola por meio de tramas baseadas no material indefinido daquilo que foi vivido. Como resultado, o ato de narrar produz funcionalidade e ordenação, reorganizando de modo temático os acontecimentos, ordenando o vivido polissêmico, multiforme, que foge à cronologia das histórias contadas. Os sujeitos, no âmbito da narrativa, desempenham papéis atribuídos pelo narrador, que mesmo buscando neutralidade, lhes designará valores e sentenças morais. A narrativa não é a mentira, tampouco é expressão plena do vivido, ela é a possível reconstrução da vivência, permeada por experiência, lembranças e esquecimentos, em constante negociação. Quando narramos entregamos as palavras e não os fatos, isso pois, a vida que contamos não é a vida que vivemos.

Para Delory-Momberger (2006) há uma inegável conveniência ligada ao ato de narrar a própria experiência, logo, a história que nos atribuímos e na qual nos reconhecemos é

aquela em que nossa figura é retratada de maneira suficientemente boa. A lógica discursiva garante um espaço individual no âmbito histórico-social. Narrar é construir um espaço para si no mundo, enraizar-se, confirmar-se, requerer a validade de sua existência, chancelada pela experiência.

No artigo “A ilusão biográfica”, Pierre Bourdieu (2005) afirma que as biografias se articulam como uma estrada e suas encruzilhadas. Percorrê-la é viver, relatar o percurso, é narrar. No relato emerge a ideia de um percurso orientado, com vistas a uma linearidade progressiva e teleológica. Há nos relatos de vida (experiência) a ideia de que se caminha para frente, ainda que existam contratempos, o virtuosismo do trajeto reside na conclusão do percurso. Há nas **biografias** e **autobiografias** a dicotomia entre o indivíduo concreto e o indivíduo construído. O concreto perdeu-se na vida vivida, o construído emerge da associação entre experiência e conveniência. Desse modo, a biografia, ou o relato de si, tende a obedecer uma ordem coesa de acontecimentos que podem ser ressignificados no decorrer do tempo. O relato sobre si é construído como um discurso sobre si no qual observa-se uma intenção dos sujeitos de serem compreendidos e aprovados socialmente. Baseado nisso, as experiências organizadas por meio da narrativa, nas autobiografias, assumem uma perspectiva edificante e com potencial aprendizado para quem as ouve. O saber oriundo dos relatos de experiência é reconhecido por Bragança (2011) que observa nas vidas e suas complexidades, percursos formativos profissionais, além de humanos. Isso, pois, há um imbricamento inalienável entre as duas dimensões. Sendo assim, as histórias de vida de professores, por meio de biografias, transformam-se em um privilegiado lugar de formação para o espaço-vida docente.

A provocação feita por Bragança (2011, p.157), instiga a reflexão de pensadores, formadores e professores, “[...] o trabalho com as histórias de vida, em contexto de formação de professores/as, pode contribuir na busca de uma racionalidade mais humana, sensível e partilhada?”. A resposta apresentada pela própria autora é sim! O trabalho com histórias de vida possibilitaria a construção de uma formação coletiva dada por meio de memórias pessoais. As histórias de vida assumem um caráter de mediação no processo de formação dos professores, não uma técnica fechada e instrumentalizada unilateralmente, mas, uma abordagem que produz um certo tipo de conhecimento pautado nas experiências distintas que, em grande medida, relacionam-se entre si por meio de similaridades. Tais

A narrativa (auto)biográfica na pesquisa de formação de professores: conceitos essenciais e possibilidades metodológicas

experiências socializadas por meio das pesquisas auto(biográficas) acabam produzindo um forte elo de **identidade** entre os sujeitos participantes do processo formativo.

Bragança (2011), compreende a formação continuada como um espaço social de educação, permeado pelo compartilhamento sistemático de conhecimentos, mas também como um processo interior no qual o sujeito permite transformar sua prática pelo conhecimento adquirido. Esse movimento de reconstrução das experiências, pela memória, é dado em virtude de uma racionalidade que reside na narrativa, uma vez que narrar exige uma organização das ideias apresentadas de acordo com um inteligível nexos causal, possivelmente apreendido por terceiros. Isso pois, quando contamos uma história ou compartilhamos uma experiência nos preocupamos com que os ouvintes ou interlocutores nos compreendam.

Em processos formativos de docentes, cujo método é dado por meio do compartilhamento de experiências, observa-se uma narrativa de si que seja capaz de elencar procedimentos, métodos, circunstâncias que orbitaram a prática docente, culminando no que Bragança (2011) enxerga como uma dialética indissociável entre o “eu” e o “nós” nos processos de formação docente. Para a autora, o conceito de autoformação assume contornos coletivos, uma vez que é dado em meio à articulação de elementos constitutivos internos ou subjetivos com elementos exteriores, concretos e objetivos. O isolamento do professor não contribui para a autoformação, pois, sendo a educação um fenômeno social, é em franco diálogo com os pares e a sociedade que se constitui o desenvolvimento profissional docente.

A verbalização das experiências organizadas por meio das narrativas constitui-se como importante método formativo resultando em uma aprendizagem experiencial. Tal aprendizagem, de acordo com Bragança (2011, p. 161) “implica três dimensões existenciais: o conhecimento sobre si, o conhecimento sobre o seu fazer, e a reflexão crítica sobre suas próprias concepções” que levaria àquilo que a autora denomina “uma atitude filosófica frente a vida”. Aflora nesse tipo de processo formativo a identidade docente, que seria uma credencial de pertencimento a um dado grupo, cujas matrizes se encontram sempre em constante construção e reconstrução.

A construção da identidade, para Pollak (1992), é um fenômeno que se produz para o grupo, de acordo com critérios de aceitabilidade, credibilidade, considerando traços que os indivíduos compartilham coletivamente. Para tanto, as memórias individuais são pulverizadas e articuladas umas às outras em forma de memória coletiva. A identidade de grupos profissionais, como os professores, emerge em situações formativas nas quais as experiências de êxito e de fracasso passam a ser compartilhadas. Entretanto, Pollak (1992) faz um importante alerta que serve aos pesquisadores da formação docente: as memórias individuais que municiam as identidades de grupo são voláteis, em constante negociação com aquilo que tem importância no presente.

Josso (2007) aponta para a importância da construção dos elos entre os sujeitos participantes de formações articuladas por meio da pesquisa narrativa. A identificação entre os participantes é percebida no momento em que compartilham práticas no âmbito de sua experiência. Quando essa troca de saberes se confirma, Josso (2007) alerta para a construção da identidade profissional entre pares que se ouvem, e passam a se reconhecer nas suas histórias de vida. Cada participante decide o que deve ou não narrar, seleciona as experiências que considera relevantes e as destaca, omitindo aquilo que não considerar válido.

Questões metodológicas na pesquisa narrativa

Conforme indicado na introdução, aspectos da metodologia da pesquisa que empreenderíamos em 2020 precisaram ser revistos e alterados em virtude da Pandemia da Covid-19. A pesquisa-formação que seria feita de maneira presencial, agora vem sendo conduzida de forma virtual, por meio de plataformas de videoconferência. É certo que o contato com pesquisadores e seus pares, por meio de uma tela, resultará em depoimentos diferentes daqueles que seriam feitos presencialmente, com todos em uma mesma sala. Até mesmo os problemas técnicos, dificuldades com áudio e imagem, que possivelmente ocorrerão, acabarão impactando nos depoimentos dados e no material que coletaremos.

Adiantamos, contudo, que os procedimentos éticos da pesquisa com seres humanos serão fielmente seguidos, uma vez que o projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética. Cada professor ou professora que participa da formação recebe informações prévias sobre a metodologia da pesquisa enfatizando sigilo de sua identidade. Afirmamos, também, que o uso das falas e gravações servirá, exclusivamente, para a produção de pesquisa

A narrativa (auto)biográfica na pesquisa de formação de professores: conceitos essenciais e possibilidades metodológicas

acadêmica a ser divulgada por meio de periódicos, livros ou apresentação e publicação em anais de eventos. Esses preceitos que consideramos norteadores éticos da pesquisa com docentes em início de carreira, serão conduzidos considerando uma gama de autores e autoras indispensáveis para pensarmos pesquisa-formação através de narrativas (auto)biográficas. Adensaremos nossas reflexões a respeito dos encontros formativos, incorporando às nossas práticas, a leitura de especialistas como Josso (2006; 1999), Clandin e Connelly (2015), Delory-Momberger (2006) e Bragança (2011).

No que concerne à metodologia da pesquisa narrativa, promovida por meio das histórias de vida, há uma série de alertas necessários ao cumprimento da liturgia ética. Josso (2006) afirma que os procedimentos precisam ser consensuais, ou seja, os sujeitos pesquisados necessitam se sentir seguros para compartilhar memórias, práticas, acertos e equívocos profissionais. Em meio a esse processo de coleta de experiências relatadas há que se observar que os silêncios, desvios e edições também se tornam objetos de análise.

Os grupos formativos, de acordo com Josso (1999), devem ser estruturados com algo em torno de, no máximo, doze pessoas. Essa delimitação de participantes se faz necessária para que todos os envolvidos possam ser ouvidos e ouvir. A duração de nossos encontros formativos tem, em média, uma hora e meia, contudo esse tempo pode variar a depender das necessidades dos envolvidos em cada grupo e da dinâmica do encontro, desde que não ultrapasse duas horas, considerando cuidados de saúde quanto ao tempo de exposição frente às telas, ainda mais necessário em tempos de ensino remoto.

As questões que serão lançadas aos participantes precisam ser previamente pensadas, entretanto, não podem ser demasiadamente assertivas e engessadas, pelo contrário, necessitam aproximar-se das pesquisas semiestruturadas, caracterizadas por uma metodologia que permita ao entrevistado discorrer de maneira mais livre sobre os temas propostos. Em nossas leituras percebemos conexão entre a preocupação de Josso (1999) com o não engessamento das entrevistas e a tese da construção de uma racionalidade sensível em Bragança (2011). Isso pois, para Bragança (2011), as pesquisas-formação precisam operar de acordo com uma racionalidade sensível, distanciando-se da racionalidade técnica, definida pela autora, por sua vez, como essencialmente protocolar e objetiva, sem considerar os sujeitos em suas complexidades subjetivas e existenciais. A

epistemologia da racionalidade sensível será considerada em nossa pesquisa, pois nos interessa acessar o movimento ambivalente que compreende aferir e provocar reflexões, permeadas pelas experiências dos sujeitos entrevistados.

No entremeio da coleta de dados, os pesquisadores devem construir um repositório daquilo que compreende a atmosfera da formação. As falas paralelas, as expressões faciais dos participantes, os depoimentos, serão registrados e darão origem aos textos de campo. A medida em que os textos de campo forem construídos estará presente o aspecto seletivo, operado pelos pesquisadores no processo de observação e interação com os participantes da pesquisa. Os textos de campo, nesse sentido, dizem muito sobre o pesquisador, pois se transformam em representações nascidas de seu olhar. Tal procedimento, converte-se em importante estrutura de apreensão das lacunas, daquilo que não foi enfatizado pelo olhar analítico e afetivo do pesquisador, portanto, a articulação da pesquisa narrativa por um coletivo de pesquisadores, e não apenas o indivíduo pesquisador, é capaz de apreender de maneira mais completa e complexa o dito e o não dito pelos participantes da pesquisa. O entrecruzamento de textos de campo oriundos de pesquisadores distintos irá produzir a polifonia necessária à tessitura da pesquisa narrativa.

A transição de textos de campo para textos de pesquisa, no caso das pesquisas narrativas, está alicerçada em uma visão narrativa da experiência, o que implica o abandono do formalismo metodológico. Nas pesquisas formais a teoria antecede o objeto, já na pesquisa narrativa o início do percurso é justamente o objeto, a narrativa, que vai mesclando-se ao componente teórico eleito pelo pesquisador. Esse movimento dado na tridimensionalidade (temporal, social-pessoal, lugar) alcança a narrativa e seus ecos na transição dos textos de campo para a construção do texto de pesquisa.

Na pesquisa narrativa o pesquisador não se constrói apenas como um observador dos processos de construção do objeto de análise, mas como integrante de uma experiência que se descortina a cada depoimento. Contudo, é necessário que haja um distanciamento próximo ou uma proximidade afastada com relação à pesquisa, desenvolvida pelos pesquisadores narrativos. Para Clandin e Connelly (2015) tal dicotômica recomendação se faz necessária, uma vez que, a paixão pelo objeto de estudo é um dado que reflete o comprometimento e o respeito necessários para a condução da pesquisa narrativa, mas que, ao mesmo tempo, pode significar certo risco para análise do pesquisador. Nesse

A narrativa (auto)biográfica na pesquisa de formação de professores: conceitos essenciais e possibilidades metodológicas

sentido, a recomendação de honrar os textos de campo, considerando sempre o estado provisório dos depoimentos, é um cuidado a ser tomado para a análise da narrativa. Os autores Clandin e Connelly (2015) enfatizam, ainda, que o provisório deve ser considerado pelos pesquisadores narrativos de duas maneiras distintas: a primeira, refere-se ao modo como os sujeitos se posicionam em momentos de transformação, o que nos leva ao segundo ponto: a transformação nos conscientiza de nossa incompletude. No que diz respeito à escrita oriunda da pesquisa narrativa, é preciso que os pesquisadores compreendam que, apesar de escreverem sobre pessoas e eventos, essa escrita não é cristalizada, definitiva, está sempre aberta a revisões, pois resulta em uma narrativa elaborada pelos pesquisadores. Destaca-se, portanto, que a narrativa elaborada pelos pesquisadores, a partir da narrativa dos professores, se constitui em uma nova narrativa, permeada pelo contexto de pesquisa vivenciado. Nesse sentido, Clandin e Connelly (2015) defendem a ideia de que a pesquisa narrativa é uma forma de compreender a experiência, preme da colaboração entre pesquisador e participantes, alcançando a dimensão pessoal e social.

Há, entretanto, possíveis tensões quando a pesquisa narrativa se dirige a grupos, pois existe uma tendência de constituição de narrativa dominante que pode se chocar com o pensamento narrativo, algo mais pessoal e personalista. Para Clandin; Connelly (2015, p. 66) “[...] na narrativa dominante, o caso universal, é de grande interesse. No pensamento narrativo, a pessoa em contexto é o que interessa”. O formalismo técnico operacionalizado via análise, apenas do “caso universal”, reduziria as memórias de professoras e professores a um conjunto de regras formuladas, tais como os antigos manuais de procedimentos e técnicas. As singularidades dessas memórias correm o risco de serem reduzidas a uma espécie de padrão técnico e normativo, algo que poderia soterrar a experiência, campo privilegiado da prática reflexiva para as profissões. Com base nesse alerta os pesquisadores narrativos precisam assumir que, apesar das semelhanças, as narrativas individuais são, em essência, diferentes, e que a chegada ao campo de pesquisa deve ser tão negociada quanto a saída do campo.

As pesquisas (auto)biográficas, no âmbito dos ateliês de formação, produzem uma inter-relação entre subjetividades e será essa simbiose nossa principal fonte de análise.

Decorre disso o alerta, feito por Josso (1999), para que as opções metodológicas devam legitimar o trato epistemológico com as múltiplas subjetividades que emergirem em meio as oficinas de formação. Nossas análises terão quase que papel de coautoria na reconstituição das falas, das expressões, da ambiência das gravações, portanto caberá a nós, produtores da narrativa das narrativas, a atribuição de sentidos às experiências compartilhadas no âmbito da formação. Advém, portanto, do cuidado metodológico, o refinamento da epistemologia da pesquisa baseada em narrativas (auto) biográficas, compartilhadas em processos de formação continuada.

Considerações finais

O ano de 2020 trouxe consigo uma crise global de saúde pública, sem precedentes, e em função disso toda a sociedade precisou adaptar-se a novas regras sanitárias para o convívio. A Educação Básica, marcada historicamente pelo compartilhamento de espaços, pela presença próxima entre estudantes e professores, precisou ser reconfigurada, agora exclusivamente, para ocorrer a distância. Nesse cenário, pesquisas-formação como a que idealizamos durante um ano inteiro para ser conduzida presencialmente, precisaram também ser repensadas e adaptadas. Percebemos intensos prejuízos nesse processo, contudo não podemos nos furtar a constatação de que emergiram desse cenário inúmeras estratégias produzidas por professoras e professores da Educação Básica, muitos deles iniciantes, com o intuito de transformar o distanciamento sanitário em uma aproximação virtual com seus estudantes. Interessa-nos, enormemente, estabelecer contato com essas professoras e professores iniciantes, ainda que virtualmente. Ouvir e mapear suas narrativas sobre os desafios da docência em início de carreira, na atual conjuntura, configurará importante repositório de experiências docentes. Para tanto, estudamos e nos apropriamos de literatura pertinente à pesquisa narrativa (auto)biográfica com vistas à apropriação de conceitos e aspectos metodológicos afeitos a essa modalidade de pesquisa.

Em nosso artigo nos ocupamos da tarefa de evidenciar as potencialidades da pesquisa narrativa com viés (auto)biográfico para a constituição de projetos de formação continuada de professoras e professores em início de carreira. Para tanto, foi preciso a apropriação de conceitos profundamente imbricados como narrativa, experiência, biografia e identidade, apresentados na primeira parte do texto. Compreendemos a narrativa como a articulação organizadora das experiências dos sujeitos pesquisados que, por sua vez,

A narrativa (auto)biográfica na pesquisa de formação de professores: conceitos essenciais e possibilidades metodológicas

produziria um senso identitário comum, indicando o pertencimento ao ofício docente, quando do compartilhamento de suas histórias de vida e profissão com pares. Acionamos também o conceito de biografia, pois o repertório de conhecimentos organizado via narrativas acessa as dimensões individuais e subjetivas que revelarão as práticas e experiências de seus narradores.

Na segunda parte do texto transitamos pelas possibilidades metodológicas referentes à pesquisa narrativa, no âmbito formativo docente. Nesse ponto foram consideradas questões éticas e de constituição dos grupos de pesquisa-formação. O envolvimento dos pesquisadores nos procedimentos, e possíveis organizações do material coletado, por meio dos cadernos de campo, para a posterior produção da narrativa da pesquisa, também foi abordado no presente artigo. Nossa pesquisa, em andamento, tecida a partir dos vídeos que registrarão as formações, vem sendo construída por cada pesquisadora e pesquisador. Contudo, o entrelaçamento de nossos apontamentos e observações dará origem a uma narrativa coletiva e marcada por múltiplos olhares, cuja principal intenção é alcançar uma epistemologia da racionalidade sensível, conforme vimos em Bragança (2011).

Referências

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. **Sobre o conceito de formação na abordagem (auto)biográfica.** Revista Educação, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 157-164, maio/ago. 2011, p. 157-164.

BOURDIEU, Pierre. **A ilusão biográfica.** In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. Usos e abusos da História Oral, Rio de Janeiro: FGV, 2005.

CLANDIN, Jean D; CONNELLY, Michael F. **Pesquisa narrativa, experiências e história na pesquisa qualitativa.** Uberlândia: EDUFU, 2015.

CRUZ, G. B. da; FARIAS, I. M. S. de; HOBOLD, M. de S. **Indução profissional e o início do trabalho docente: debates e necessidades.** Revista Eletrônica de Educação, v.14, 1-15, e4149114, jan./dez. 2020, p.1-15.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Formação e socialização: os ateliês biográficos de Projeto.** Educação e Pesquisa, São Paulo, v.32, n.2, maio/ago. 2006, p. 359-371.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica.** Revista Brasileira de Educação v.17, n.51 set-dez, 2012, p.1-16.

JOSSO, Marie-Christine. **História de vida e projeto: as histórias de vida como projeto e as “histórias de vida” a serviço de projetos.** Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 25, n. 2, jul./dez. 1999, p. 11-23.

JOSSO, Marie-Christine. **A transformação de si a partir da narração de histórias de vida.** Revista Educação, Porto Alegre/RS, ano XXX, n. 3, set./dez, 2007, p. 413-438.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social.** Revista estudos históricos, Rio de Janeiro, 1992, p. 200-212.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa, a intriga e a narrativa histórica.** São Paulo: WMF Martins fontes, 2019.

Notas

ⁱAgência de Fomento CNPq.

ⁱⁱUniversidades envolvidas na pesquisa-formação: Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade Estadual do Ceará (UECE).

ⁱⁱⁱ Edital Universal do CNPq 2018. Projeto intitulado “Pesquisa COM Professores iniciantes: um estudo sobre indução profissional”.

Agradecimentos

Agradecemos às integrantes e ao integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas Formação de Professores e Práticas de Ensino – FOPPE, sem as(o) quais o processo de estudos e pesquisas que deu origem a esse artigo não teria se concretizado. Agradecemos às(aos) colegas da UFRJ e UECE, participantes da Pesquisa Universal, pela parceria no comprometimento com a Pesquisa e Educação públicas e de qualidade.

Sobre as autoras

Lara Rodrigues Pereira

Doutora em Educação (UFSC), Mestra em História (UDESC), Especialista em Gestão Educacional e Metodologia do Ensino Interdisciplinar (Dom Bosco), Licenciada em História (UFSC). Possui experiência na educação básica, ensino fundamental e médio, na disciplina de História. Atua no Ensino Superior como professora Adjunta A do Departamento de Metodologia de Ensino MEN/ UFSC, na disciplina de Didática, desde junho de 2019. Experiência na área de Didática, Formação de professores, História da Educação, Didáticas do Audiovisual, História do Cinema, Cinema Educativo brasileiro.

E mail: lararp81@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3294-460X>

Carolina Ribeiro Cardoso da Silva

Doutora e Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina (PPGE/Udesc). Licenciada em Pedagogia pelo Centro de Ciências Humanas e da Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina (Faed/Udesc). Professora efetiva - Adjunto A - da área de Didática no Departamento de Metodologia do Ensino da Universidade Federal de Santa Catarina (MEN/UFSC). Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas “Formação de professores e práticas de ensino” (FORPE/UFSC). Coordena o projeto de pesquisa “Entre discursos e práticas: a disciplina escolar na escola primária catarinense (1930-1970)” (UFSC).
E mail: carol.c4rdoso@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2389-9931>

Márcia de Souza Hobold

Pós-Doutoramento em Educação, com bolsa do CNPq-PDJ. Doutora em Educação pela PUC SP. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE e do Departamento de Metodologia de Ensino – MEN, ambos vinculados ao Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas: Formação de Professores e Práticas de Ensino – FOPPE; membro do Grupo de Trabalho (GT 8) de Formação de Professores da ANPEd Nacional e da Associação Nacional pela Formação dos Profissionais da Educação - ANFOPE; e, membro da Rede Interinstitucional de Pesquisas sobre a Formação e as Práticas Docentes – RIPEFOR. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 2. E mail: mhobold@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4179-608X>

Recebido em: 30/12/2020

Aceito para publicação em: 19/02/2021